

Opinião MCM

Edição 1 – quinta-feira, 7 de janeiro de 2021

Não se afobe não, que nada é para já

A canção *Futuros Amantes*, de Chico Buarque, que trata de um amor não correspondido por conta da aparente indiferença de uma pessoa, tem em sua primeira estrofe a frase que dá título a este *Opinião* e que também ilustra, de forma bastante apropriada, a maneira como as lideranças políticas do país têm se comportado em relação à pandemia e à atual crise econômica.

Historicamente, Brasília tem sido muito lenta em aprovar e implementar reformas e políticas que possibilitem mais crescimento econômico, menos desigualdade e mais desenvolvimento social, mas ao menos vinha mostrando senso de urgência em tempos de crise, tendo aproveitado estas “oportunidades” para vencer resistências e adotar pelo menos parte da agenda de reformas tão necessária para a melhoria da vida no país. Na crise atual, no entanto, o senso de urgência segue adormecido e a nova “oportunidade” está sendo perdida.

O Presidente Bolsonaro, por exemplo, mostra recorrentemente não ter interesse, muito menos pressa, em aprovar reformas econômicas que vêm sendo discutidas no Congresso há muito tempo, a despeito de o desemprego estar acima de 14% e do fato de a economia ter crescido em ritmo medíocre mesmo nos anos anteriores à pandemia.

Bolsonaro tampouco vê urgência em reestruturar e ampliar a rede de assistência social do país, muito embora milhões de brasileiros tenham diante de si, neste exato momento, perspectivas extremamente preocupantes, decorrentes do fim do auxílio emergencial e das enormes incertezas que ainda cercam a retomada da economia, a recuperação do emprego, mesmo se precário, e a restauração da renda, mesmo se modesta.

E em relação à covid-19, como se sabe, Bolsonaro continua a investir na solução deste “contratempo” via imunidade de rebanho, desconsiderando e até mesmo dificultando a tomada de ações que visem a implementação de um eficiente programa de vacinação da população.

Enquanto isso, deputados e senadores tampouco honram a “tradição” de reagir em momentos de crise. Em lugar de propor --- quando necessário ---, debater e aprovar reformas e medidas para ajudar o país a sair mais rapidamente da grave situação em que se encontra, e estabelecer bases mais sólidas para a geração de desenvolvimento econômico-social nos próximos anos, parcela expressiva dos representantes da população no Congresso parece estar com as mãos permanentemente amarradas, ora por conta de suas agendas pessoais, ora por culpa da deletéria polarização do ambiente político, ontem devido às eleições municipais, hoje por conta das eleições para as presidências da Câmara e do Senado, e amanhã por algum novo motivo “justo”.

E assim, a falta de senso de urgência condena o país a permanecer estagnado, e em alguns setores, até andar para trás. Do ponto de vista do PIB, como se sabe, não será difícil ter expansão ao redor de 3% este ano, devido ao favorável carregamento estatístico do bom crescimento no segundo semestre de 2020. Continuar a crescer em bom ritmo em 2022, no entanto, será muito mais difícil. Nosso cenário contempla crescimento baixo ao longo deste período e, pelo andar da carruagem, o país está mesmo seguindo nesta direção.

Afinal, para que essa urgência? Por que tanta afobação? Aparentemente, como diz o resto da primeira estrofe da linda canção de Chico Buarque, o desenvolvimento do Brasil... “...não tem pressa, ele pode esperar em silêncio, num fundo de armário, na posta-restante, milênios, milênios no ar.”



Produzido pela MCM Consultores Associados exclusivamente para clientes. 2021. Reprodução Proibida.

Tel: (011) 4380-7700. Site: mcmconsultores.com.br e-mail: economia@mcmconsultores.com.br